Rodrigo Sousa

A DEUSA PROIBIDA 2

ASCENSÃO

1ª Edição 2024

Embora esta seja uma obra de ficção, baseada em diversas crenças e culturas, foram respeitadas as individualidades de toda etnia, credo, orientação sexual, gênero, entre outros.

Para minha amada esposa, dedico este livro.

PRÓLOGO _____ *4*

*I – SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA*_____*12*

*II – A SEDE DA IGREJA*_____*38*

*III – BUSCA IMPLACÁVEL*_____ *74*

*IV – UM NOVO ALIADO?*_____ *104*

*V – OS REFORÇOS PRECISAM DE REFORÇOS*_ *133*

*VI – ALÉM DO RIO AZUL*_____ *162*

*VII – A FÚRIA DA JAGUARETÊ*_____ *189*

*VIII –SANGUE E GUACAMOLES*_____ *227*

*IX – O RITUAL DAS ALMAS*_____*265*

*X – CINZAS, FERIDAS E ARREPENDIMENTOS*__ *291*

XI – UM PLANO RUIM É MELHOR QUE NENHUM *312*

*CAPÍTULO XII – O VALE DOS OSSOS NÃO TÃO SECOS*_____*338*

*CAPÍTULO XIII – A CAVERNA DOS DESEJOS*___*357*

*CAPÍTULO XIV – A TRINDADE SATÂNICA*_____*377*

*CAPÍTULO XV – A DEUSA MÃE*_____*398*

*EPÍLOGO*_____ _____ *415*

PRÓLOGO

Na vastidão inexplorada da Savana de Moçambique, na África Oriental, onde a terra resplandece com tons dourados sob o intenso sol africano, repousa um vilarejo esquecido pelo tempo. Rodeado por extensas planícies, pontilhadas por acácias solitárias e majestosas, esse enclave remoto se tornou o palco de uma narrativa envolta em mistérios profundos e segredos milenares.

No coração dessa paisagem majestosa, onde a Savana estendia suas mãos até onde a vista alcançava, encontrava-se um pequeno templo rústico, construído com pedras locais, troncos resistentes e palha entrelaçada. Um santuário modesto, mas impregnado de espiritualidade, erguido como testemunha silenciosa de eras passadas.

O pequeno templo, como uma relíquia perdida no tempo, destacava-se contra o horizonte interminável da Savana. Seus muros de pedra, desgastados pelo vento e pelo sol inclemente, testemunharam séculos de preces e rituais que se mesclavam com as tradições da terra. Ao centro, um altar dedicado a uma divindade feminina africana, parecia aguardar silenciosamente, observando o fluir do tempo com olhos eternos esculpidos na madeira.

A figura da divindade, esculpida no topo do altar, emanava uma presença etérea. A madeira parecia ganhar vida sob as mãos talentosas do artesão, criando contornos suaves que delineiam a forma da deusa. Seus olhos, profundos e penetrantes, fixaram-se em um ponto além do mundo físico, como se enxergassem as complexidades do universo espiritual.

A escultura de uma divindade com traços femininos delicados, adornada com ornamentos simbólicos entrelaçados em suas vestes esculpidas, emanava uma serenidade imortal. Suas mãos, delicadamente posicionadas, com os dedos entrelaçados em cima de seu colo, como se oferecesse total atenção para atender as súplicas de seus devotos, sugerindo um convite silencioso para os fiéis compartilharem suas esperanças e temores. Ao redor do altar, pequenos recipientes de cerâmica continham oferendas modestas, como flores secas e ervas aromáticas, deixadas como gestos de devoção pelos que buscavam a bênção da divindade.

A luz filtrada pelas frestas na estrutura do templo destacava detalhes sutis, revelando padrões entalhados que narram mitos antigos. Cada entalhe, meticulosamente trabalhado, contava uma parte da história que se mesclava

com a rica tradição oral do vilarejo. À medida que a sombra avançava, os contornos do altar pareciam ganhar vida, dançando com as sombras que se projetavam nas paredes do humilde templo.

Na penumbra crescente, o altar assumia uma aura de mistério, como se fosse um elo entre o visível e o invisível, onde as divindades silenciosas aguardavam pacientemente, observando os eventos que se desdobravam na Savana e além. O fluir do tempo, marcado pelos entalhes e pela presença imortal da divindade esculpida, transformava o altar em um relicário de segredos, aguardando para revelar seus enigmas aqueles corajosos o suficiente para decifrar as escrituras inscritas em sua essência de madeira envelhecida.

Nesse cenário de beleza bruta e segredos enigmáticos, o humilde templo emergia como um farol sombrio, atraindo aqueles destinados a desvendar os enigmas que o tempo havia enterrado sob a vastidão daquela terra inóspita.

O vento sibilante ecoava pelas paredes de pedra, enquanto uma jovem permanecia ajoelhada diante do altar. Seu rosto, marcado pela exposição constante ao sol impiedoso, guardava traços de determinação e curiosidade. Cicatrizes discretas, sinais das

adversidades enfrentadas no cotidiano da Savana, adicionavam uma aura de resiliência à sua figura frágil. Sob as sombras projetadas pela luz tênue que permeia o pequeno santuário, seus olhos castanhos pareciam carregar um fardo de conhecimento ancestral, como se ela fosse a guardiã involuntária de segredos que transcendem sua própria compreensão.

Enquanto permanecia de joelhos diante do altar, suas mãos calejadas traçaram movimentos suaves, em um diálogo direto com as energias ocultas que permeiam o santuário. Cada prece sussurrada, cada palavra perdida no vento crescente, evidenciava uma conexão profunda com algo além do visível, algo que a ligava diretamente à divindade feminina esculpida no altar.

À medida que a jovem proferia suas súplicas, seus lábios moviam-se com a urgência de quem tenta romper um silêncio profundo. Em seus olhos, misturavam-se sentimentos de reverência e temor, refletindo a consciência de que as forças invocadas não eram simplesmente divindades mitológicas, mas entidades que transcendem as fronteiras entre o mundo dos vivos e dos mortos. Uma sombra se forma ao redor das paredes do enigmático templo. A fumaça negra penetra pelas frestas

das portas e janelas, invadindo sem permissão, bailando conforme o vento a conduzia.

Enquanto o templo era envolvido pela sombra crescente, a jovem, de joelhos e perdida em suas preces, tornava-se o epicentro de uma trama obscura que se desenrolava nos recessos do vilarejo esquecido, onde o sobrenatural dançava em sintonia com o pulsar da Savana africana.

A escuridão avançava, engolindo a luz do entardecer e transformando a paisagem da Savana em um mar de sombras. A imagem da divindade feminina parecia ganhar vida nas sombras dançantes.

A nuvem negra, como uma manta sombria, envolvia o rústico templo, transformando o local sagrado em um santuário sinistro. A jovem, com seus olhos fixos no chão, sentia uma presença desconhecida se aproximando. O medo se instalava em sua espinha enquanto o vento impiedoso derrubava tudo ao seu redor.

A sombra negra, agora palpável, estendia-se até ela, envolvendo-a em um abraço gélido. Sussurros ininteligíveis ecoavam por todo o local. Vozes antigas pareciam emergir de além-túmulo. A jovem levantou os olhos, encontrando o vulto sombrio que se erguia diante dela.

Os olhos da divindade africana na imagem pareciam ganhar vida, emanando uma luz tênue que iluminava a escuridão ao seu redor. Uma voz ancestral sussurrou em sua mente, revelando segredos enterrados na história do vilarejo. Memórias esquecidas emergiram, histórias de rituais antigos, pactos sombrios e sacrifícios para aplacar forças que ultrapassam a compreensão humana.

A jovem, agora enredada na teia do mistério, compreendeu que a sombra que a envolvia não era apenas uma força sinistra, mas uma manifestação de algo que há muito aguardava sua libertação. O vilarejo, com suas histórias enterradas e segredos ocultos, tornara-se o epicentro de uma trama sombria, tecida pelos fios do sobrenatural.

A jovem, ainda de joelhos diante do altar milenar, sentia a atmosfera da pequena igreja tornar-se densa e carregada. A aura negra, como tentáculos sombrios, estendia-se em direção a ela, envolvendo-a em uma dança sinistra. As velas ao redor do altar tremulavam, como se a própria chama temesse a presença que se manifestava.

Seu corpo, agora envolto pela sombra, permanecia imóvel, como se estivesse em transe. Os contornos da divindade esculpida no

altar pareciam distorcer-se, como se a própria deusa testemunhasse a fusão entre a jovem e a escuridão que se erguia ao redor. A voz ancestral sussurrava palavras incompreensíveis, ecoando através do vento, como um lamento eterno.

A nuvem negra que cobria o templo parecia vibrar com uma energia desconhecida, fazendo as sombras bailarem em um espetáculo macabro. A jovem, presa na teia do sobrenatural, sentia a linha entre realidade e mito se desvanecer. Em seus olhos, uma mistura de temor e curiosidade refletia que algo além da compreensão humana estava se manifestando.

Enquanto a sombra se apertava em torno dela, a jovem, agora um elo entre dois mundos, sentia as memórias enterradas do vilarejo ressurgirem em sua mente. Rituais esquecidos, pactos sombrios e o eco de sacrifícios ancestrais pulsava através dela, como se ela fosse a porta de entrada para forças que há muito se perderam. O pequeno templo, agora mergulhado na escuridão, tornava-se um ponto focal de mistério, onde passado e presente se entrelaçam. A Savana lá fora permanecia silenciosa, como se a natureza em si aguardasse o desfecho dessa conjunção entre a jovem e as sombras. O vilarejo esquecido,

com seu pequeno templo de pedras e palha, tornara-se o epicentro de um fenômeno inexplicável, onde a linha entre a luz e a escuridão se desvanecia, deixando para trás apenas o ecoar de segredos enterrados na vastidão misteriosa da Savana.

CAP. I – SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA

O sol nasceu em São Gabriel da Cachoeira, na Avenida Castelo Branco, onde as lembranças do combate entre o grupo de Jeff, contra as forças do mal, ainda ecoavam entre os edifícios ainda em restauração. Os habitantes começaram a emergir de suas casas. Alguns carregavam consigo a carga de lembranças, enquanto outros, especialmente os mais jovens, testemunharam a resiliência de uma comunidade que se erguia do abismo.

A câmera da televisão, agora focada nas imagens atuais, capturava a vida cotidiana: crianças correndo e brincando nas praças reconstruídas, mercados movimentados onde o comércio retomava seu pulsar, e rostos que, apesar das cicatrizes emocionais, refletiam a determinação de seguir em frente.

O jornalista, retomando a narrativa, destacava os esforços contínuos para reconstruir não apenas estruturas físicas, mas também os laços comunitários que haviam sido abalados. Projetos de assistência social, iniciativas de saúde mental e programas educacionais visavam oferecer um suporte fundamental àqueles que enfrentavam os efeitos duradouros da tragédia.

Enquanto o sol ascendia no céu, banindo as últimas sombras da noite, São Gabriel da Cachoeira se revelava como um símbolo de renascimento. A cidade, agora, não apenas carregava as marcas do passado, mas também a promessa de um futuro moldado pela resiliência, compaixão e força coletiva.

As autoridades, ainda comprometidas em desvendar os enigmas do desastre, enfrentavam a jornada árdua de reconstrução não apenas das estruturas físicas, mas também da confiança da comunidade. O telejornal, como um observador atento, documentava não apenas os desafios, mas também os pequenos triunfos diários que contribuem para a cura gradual da cidade.

Naquela noite, o apresentador do telejornal, com sua voz grave e solene, quebrava o silêncio da noite ao anunciar: "Hoje marca o sétimo aniversário da tragédia que assolou nossa cidade. Sete anos desde o desastre natural que deixou São Gabriel da Cachoeira em ruínas, ceifando vidas e deixando cicatrizes profundas em nossa comunidade."

O telejornal exibiu imagens da cidade antes e depois do cataclismo, evidenciando a magnitude da destruição. Ruas outrora movimentadas eram agora registros de uma

memória dolorosa, com destroços e estruturas desmoronadas que testemunharam a fúria incontrolável da deusa proibida, mas que para toda a população daquele local e para o resto do mundo, foi apenas dito ser um mero fenômeno da natureza.

As autoridades, ainda perplexas diante da magnitude do evento, eram destaque na reportagem. Discussões incessantes sobre as causas do desastre ecoavam nos corredores do poder, enquanto a população ansiava por respostas que teimam em permanecer elusivas. O mistério que envolvia o cataclismo persistia como uma sombra sobre a cidade, alimentando especulações e teorias conspiratórias.

A tela reflete a impotência nos rostos dos governantes locais, suas palavras cuidadosamente escolhidas buscando acalmar os ânimos e oferecer algum tipo de consolo à comunidade. Entretanto, a incerteza pairava no ar, e a sensação de vulnerabilidade persistia como uma ferida aberta.

Enquanto o telejornal da noite passava mais uma vez a matéria sobre “O desastre de São Gabriel”, em uma pequena casa, às margens do Rio Negro, nosso conhecido herói, está sentado em sua velha poltrona verde limão,

outrora pertencente ao seu falecido pai, murmurando e bufando a cada palavra dita na TV:

– "Fenômeno da natureza!” Aff, é um absurdo não poder contar a verdade! Isso é enganar o povo!

Com um pedaço de pão de fôrma e muçarela à mão, prestes a ser degustado, Jeff viu Alana, agora sua esposa, emergir da cozinha segurando seu próprio lanche. Ela ocupou um lugar no sofá ao lado dele, contrapondo-se à visão crítica do marido:

– Amor, se dependesse de você, todos no mundo saberiam sobre Asherah, Lilith e o que aconteceu com essa cidade! Mas, não concordamos que o melhor a fazer era não contar? As tribos de Moaçu pediram para que nada fosse revelado! Acho melhor assim! Imagina o que aconteceria se todos soubessem sobre o mundo espiritual?

Enquanto Jeff mastigava seu pedaço de pão, ele abaixou a cabeça e concordou com uma expressão pensativa:

– Sei lá! Você tem razão! Mas, ter que mentir? Isso me deixa incomodado!

Alana se aproximou dele, e num gesto de carinho, tocou seu ombro, respondendo com firmeza:

– Primeiro, não é mentira. Foi um fenômeno! Não foi natural, mas foi meio que da natureza! Uma natureza sobrenatural! E segundo...

Um soco leve no ombro de Jeff interrompeu sua fala, seguido por um olhar austero de Alana:

– Já falei pra você parar de falar com a boca cheia!

– "Ai!" – exclamou Jeff, esfregando o ombro. Alana abraçou-o, repousando seu corpo sobre o dele e continuou:

– Amor, acho melhor, a gente não assistir ao *Festival Charles Chaplin!* Vamos terminar de comer e ir deitar! Amanhã você tem que pregar e depois temos que treinar! Você não vai me enrolar de novo!

Jeff resmungou:

– Não sou eu que estou enrolando! Você é quem tem que pregar amanhã! Eu vou fazer o estudo com os ribeirinhos, esqueceu?

Alana se levantou e olhou surpresa para Jeff:

– Putz! É verdade! Amanhã sou eu! Ah, se ao menos eu tivesse tido tempo de preparar algo…

Num gesto rápido, Alana pegou um caderno atrás do sofá e o jogou na mesa brandindo uma onomatopeia:

– BAM! – Exclamou ela, olhando para Jeff. E continuou:

– E eu preparei! E já faz tempo! Quem está enrolando, hein?

Jeff olhou para Alana, a agarrou pela cintura e a derrubou no sofá, jogando seu corpo sobre o dela:

– Olha só quem estava de guarda baixa! E agora? Como minha professora de artes marciais sai dessa?

Jeff beijou Alana, que sorriu para ele. Jeff agora a beija, com mais intensidade. Seus corpos começaram a se entrelaçar e os dois se entregaram ao amor e ao prazer ali mesmo, naquele sofá, celebrando a vida e a paixão que compartilhavam.

O nascer do sol em São Gabriel marcou o início de mais um dia repleto de surpresas para Alana e Jeff. Após as atividades na igreja, agora sob a liderança de Jeff como pastor titular, ele se

acomoda em seu escritório. Inicia o ritual conhecido de abrir correspondências, passando pacientemente por cada carta. Entre cobranças, boletos e propagandas locais, Jeff observa um envelope proveniente da sede em São Paulo. Ao abri-lo, depara-se com um convite para um Congresso. Anexado ao convite, um folder apresenta a mais recente missionária, originária da África e refugiada após um atentado contra a congregação em Moçambique. Ela emerge como uma das raras sobreviventes de uma tragédia angustiante. As palavras do convite ecoam com a seguinte mensagem:

A Paz do Senhor Jesus esteja convosco!

É com grande alegria e gratidão que a Congregação Evangélica da Esperança, convida cordialmente todos os pastores, líderes e obreiros desta abençoada congregação, disseminados pelos quatro cantos deste vasto Brasil, a se unirem a nós para celebrarmos o Centenário de nossa querida Sede.

Neste evento especial, dedicado à celebração e gratidão, teremos a honra de contar com a presença e testemunho inspirador da missionária Asha Zahara, uma das sobreviventes do doloroso massacre ocorrido

em nossa congregação em Moçambique. A sua presença e contribuição tornarão a noite de sábado um momento marcante e abençoado.

Anexamos a esta mensagem um breve trecho impresso, do recente testemunho da missionária Asha Zahara, compartilhado em nosso programa matutino na Emissora Rede Sete, como um prelúdio ao que poderemos vivenciar juntos nesta comemoração tão significativa.

Contamos, de coração, com a presença de todos vocês para juntos rendermos graças ao Senhor por esses cem anos de história, fé e perseverança.

Que Deus continue a abençoar abundantemente a cada um de vocês.

Em Cristo, seja abençoado.

Reverendo Arnaldo Barreto

Presidente da Congregação Evangélica da Esperança

Jeff inicia a leitura do folder anexado, folheando cuidadosamente as páginas preenchidas com imagens vívidas da sede. Conforme mergulha nas informações contidas no folheto, a exaustão toma conta dele, e inadvertidamente,

acaba cedendo ao cansaço, adormecendo ali mesmo.

Enquanto isso, Alana adentrou a casa segurando sacolas de supermercado, colocando-as na mesa antes de se dirigir a um galpão nos fundos. Passando pelos portões enferrujados, ela se aproximou de um balcão onde algumas formas estavam cobertas por um pano. Ao remover o tecido, revelou-se uma coleção de facas, facões variados, além de algumas Katanas. Um deleite para os amantes de armas brancas, além de objetos afiados. Ela amarrou os cabelos em um coque, retirou o vestido florido para revelar um top e um short de academia, mantendo sua excelente forma física inalterada ao longo dos sete anos. Selecionou um dos facões e iniciou um treino habilidoso, dançando mortalmente com a lâmina cortante, enquanto o vento testemunhava sua destreza.

Enquanto Jeff quase escorregava da cadeira durante seu breve cochilo, ele se recompôs, ajustou os óculos e voltou sua atenção para a entrada de sua casa. Levantou-se e dirigiu-se à porta. Ao atravessá-la, Jeff percebeu que não estava mais em sua residência, mas em um colossal estádio, repleto de centenas de milhares de pessoas, que gritavam e aplaudiam fervorosamente. Seus olhos se

fixaram no palco central, onde avistou a mesma jovem que aparecia no folheto, proveniente do templo em Moçambique.

Vestida com um traje azul desgastado pelo tempo, seus cabelos curtos e encaracolados, ela entrelaçou as mãos, demonstrando uma profunda inquietação. Ao lado dela, um repórter no palco a questionava sobre os eventos ocorridos. Jeff, atônito com a transformação de seu ambiente, observava em silêncio, intrigado pelo que se desdobrava diante de seus olhos.

– Saudações a todos os telespectadores e bem-vindos a mais um programa, A Hora da Verdade, uma produção da Igreja da Esperança!

Hoje, temos o privilégio de realizar uma entrevista exclusiva com uma das raras sobreviventes do trágico evento conhecido como “Massacre de Moçambique”. Como todos recordam, há exatamente um ano, um grupo autodenominado 'Os Salvadores', notório por atacar igrejas e locais que promovem atos de fé contrários à sua crença, invadiu um culto em nossa congregação em Moçambique. Abriram fogo indiscriminadamente, resultando na perda de mais de 50 vidas, na fatídica tarde de 21 de abril. Uma das poucas sobreviventes que testemunhou esse terrível acontecimento é

nossa querida irmã, a missionária Asha Zahara. Nascida às margens do rio Zambeze, em Rogone Moçambique, aos seis anos, ela se mudou para Manchester, onde cresceu e se formou em direito. Aos vinte e dois anos, ela retornou para a terra de seus pais, que não sobreviveram a dura realidade daquela região, para pregar a palavra de Deus. Lá, em uma manhã de domingo, o grupo dos “Salvadores”, invadiram a igreja e dispararam suas armas em todos os fiéis presentes. Por um milagre, Asha conseguiu sair, apenas com leves escoriações!

O Repórter aproxima o microfone da jovem e pergunta:

– Asha, você poderia nos contar o que você sentiu naquele momento?

A jovem mergulhada em silêncio, segurando suas mãos em cima do colo, com os dedos entrelaçados, suavemente respira fundo e no momento em que seus olhos encontram a câmera, Jeff sente um arrepio percorrer sua espinha. Um breve lampejo dourado irradia dos olhos da garota, sinalizando algo fora do comum. Jeff, intranquilo, se aproxima mais do palco, percebendo que algo está visivelmente errado.

A jovem começa a compartilhar sua narrativa, mas, de repente, uma transição surpreendente

transporta Jeff para outro momento. Agora, ele vislumbra que Asha encontra-se em uma igreja, entregando uma mensagem empolgante em inglês, para o público. A missionária balança as mãos, formando uma fila de pessoas que se dirigem a ela. Gotas de sangue escorrem por entre seus dedos, que ao tocarem as testas dos suplicantes, suas aflições e enfermidades são milagrosamente curadas. Após uma intensa série de curas e gritos, ela volta-se para a congregação e proclama solenemente:

– Irmãos e irmãs, hoje trago a vocês a maior revelação que ecoará pelos séculos vindouros! Recebi uma mensagem direta do Trono Celestial! Tudo o que vos foi tomado será restituído!"

Ao fundo, uma multidão extasiada ressoa em gritos de "Amém!" Palmas e suspiros acompanham cada palavra proferida pela Missionária, que prossegue:

– Aqueles que vos despojaram! Aqueles que vos pisotearam! Vos baniram e vos substituíram por algo inferior! Receberão a retribuição do Alto!

A histeria coletiva atinge seu ápice! A cena mostra pessoas se entregando às emoções,

caídas no chão, chorando compulsivamente. A missionária volta-se para a o público e declara:

– O meu Reino será erguido sobre os destroços daqueles que me feriram, sobre os corpos de tua esposa, do seu e de todos a quem amas!

Os olhos da Missionária cintilam por um breve instante. A voz da missionária, vinda diretamente aos ouvidos de Jeff sussurra seu nome. Jeff. Atordoado, desperta. Ele se ergue da cadeira, fazendo-a tombar no chão. Com os olhos arregalados, ele se encontra em um estado de perplexidade que o impede até mesmo de respirar. Recobrando a consciência, percebe que o folheto está aos seus pés, em uma imagem da missionária pregando em um templo. Sem pensar duas vezes, Jeff irrompe para fora, rumo ao galpão onde Alana se encontrava. Ao abrir o portão, ele é recebido por uma faca que, assobiando perto de seu ouvido, passa a centímetros de sua bochecha antes de cravar-se em um alvo na parede atrás dele. Um grito desesperado de Alana ressoa, pois por pouco não acertou seu marido. Ela corre em sua direção enquanto Jeff se senta no chão, sem ao menos olhar para trás:

– *“¡Jesu cristo mío! ¡Maldito idiota! ¿Cómo entras así? ¡Dios mio! ¡Casi te mato! ¿Eres retrasado?*

Em meio a xingamentos e gritos em espanhol, Alana expressa seu terror diante da quase tragédia. Conforme a tensão se dissipa, ela observa que Jeff está em choque. Sentado no chão, seus olhos permanecem fixos no vazio, suas mãos trêmulas e sua boca tenta articular palavras, mas nenhum som escapa. Alana se aproxima, sentando ao seu lado, agarra-o pelos ombros e, abalando-o, o interpela:

– Jeff! O que aconteceu? Parece que você viu um fantasma? JEFF!

Jeff olha para Alana e diz com muita dificuldade:

– Amor! Ela… ela… voltou!

– Quem voltou?

Alana grita, agitando os ombros de Jeff. Ele encara diretamente os olhos de Alana, seus olhos castanhos-esverdeados brilhantes, marejados pelas lágrimas que se formam. Ao observar a expressão apavorada em seu esposo, Alana percebe, instantaneamente, a razão por trás do surto dele:

– Não! Não pode ser! É impossível!

Diz Alana, enquanto se levanta do chão, afastando-se de Jeff!

Jeff, recobrando-se do susto levado, se levanta e diz:

– Amor! Lilith voltou! Eu não sei como, mas ela voltou! Ela está em São Paulo! Na Sede! Ela está possuindo uma garota da África! Eu não sei como ela voltou! Mas ela voltou!

Alana se aproxima de Jeff e o questiona:

– Amor, você tem certeza? Não foi só um susto? Como você sabe que ela está em São Paulo?”

Jeff segura a mão de Alana e a conduz até seu escritório. Apontando para o folheto, Alana o pega do chão, observando cada detalhe, concentrando-se minuciosamente. Após o término da leitura, Alana comenta:

– Olha, eu não consegui ver nada de diferente, tirando a parte da garota! Ela parece estranha! O que você viu?

– Eu vi! Os olhos dela! Eram os mesmos olhos que vi na minha mãe! De alguma forma, ela falou comigo! Ela nos ameaçou. Acho que foi uma premonição ou algo do tipo! Mas eu senti algo muito forte desde quando a enfrentamos, quando usei a Espada. Eu me sinto diferente. Sinto coisas, percebo que algo nos observa."

Jeff se dirige até o armário, retirando um volume envolto em um cobertor. Ao desenrolar o tecido, a Espada do Espírito é revelada, quebrada ao meio devido ao último ataque de Lilith. A Espada começa a brilhar, emitindo uma reverberação na mão de Jeff. Pequenas faíscas douradas escapam da parte fraturada da Espada, fluindo pelas rachaduras como se ela estivesse derramando seu próprio sangue dourado.

– Sinto que a Espada está tentando dizer que algo está errado! Às vezes, ouço uma voz me chamando enquanto durmo. Parece que a Espada está me alertando. Pensei que fosse algo pós-traumático, mas neste momento, sinto isso! – Diz Jeff, segurando a Espada, que continua a brilhar intensamente.

Alana se aproxima de Jeff e gentilmente segura suas mãos. Ela olha para a Espada e diz com a voz doce:

– Eu acredito em você! O Moaçu disse que você tinha uma relação com essa Espada! Seu pai a protegeu por alguma razão! Sua mãe tinha uma ligação com Lilith e provavelmente você deve ter também! Eu o ajudei durante estes sete anos, te ensinando sobre combate, sobrevivência na selva e tudo o que eu aprendi,

porque no fundo eu sabia que algo assim poderia acontecer!

Jeff se afasta de Alana, coloca a Espada sobre a mesa, que imediatamente para de emitir energia. Ele volta, abraça Alana e diz:

– Preciso ir até a Sede! Preciso ver com meus próprios olhos! Se Lilith realmente voltou e está se infiltrando na Sede, eu preciso saber! Talvez essa seja a minha missão, Impedir Lilith!

Alana olha nos olhos de Jeff e diz:

– É a nossa Missão! Por nada desse mundo eu vou deixar você fazer isso sozinho!

– Alana, por favor! Pode ser perigoso! – diz Jeff, balançando a cabeça. Alana segura forte as mãos de Jeff. Ela franze a testa e resmunga:

– Jefferson Alexandre Málaga! Eu te deito na porrada se você começar com essas gracinhas que eu não posso me virar! Eu já enfrentei coisas que você nem sonharia! Eu enfrentei aquela vaca cósmica e se for preciso, eu vou enfrentar de novo!

Jeff para por um instante e disfarçadamente, um sorriso começa a surgir em seus lábios. O sorriso vai aumentando até se tornar uma acanhada risada:

– Tá rindo do quê, bobão?" Questiona Alana. Jeff responde:

– "Vaca Cósmica!" Foi engraçado!

Alana dá um sorriso. Jeff a beija e diz:

– Promete pra mim que você não vai fazer nenhuma loucura?

Alana olha para Jeff e responde:

– Não posso prometer não fazer algo que eu faço o tempo todo!

Jeff resmungou, revirando os olhos:

– Eu to falando sério! Dessa vez precisamos ir devagar! O que a gente faz se ela for a Lilith? Eu não sei prender uma divindade! Sabe, não ensinam isso na Faculdade!

Alana diz:

– Vamos até São Paulo, A gente entra nesse Congresso, investiga se tem alguma coisa errada! Eu tenho certeza que na hora, a gente vai saber o que fazer! Se Deus quer que façamos isso, Ele vai providenciar o que vamos precisar! Eu creio nisso! Você me ensinou a crer nisso!

Jeff olha para Alana, ajeita seus óculos, respira fundo e diz:

– Resumindo, você quer viajar trocentos quilômetros de avião, ir até São Paulo, xeretar a Sede que paga nosso salário, tentar descobrir se uma garota refugiada de um país em guerra está possuída por uma entidade maligna, e se for ela, a gente pega uma Espada quebrada e dá na cabeça dela, esperando que seja o suficiente, crendo que Deus vai fazer um milagre?

Alana olha para Jeff, com uma expressão séria e diz:

– Basicamente é isso!

Jeff olha para a Espada, olha para Alana, respira fundo e diz:

– É, vai ser muito divertido! Tô dentro!

Alana ri e diz a Jeff: – Seu Besta!

Jeff vai até o telefone, se vira para Alana e diz:

– Vou ligar para minha irmã. Vou dizer que estamos indo de férias para São Paulo!

Enquanto isso, em São Paulo, o Reverendo Arnaldo Barreto se reúne com os diáconos da igreja. Sentado em uma sala, ele apresenta o cronograma do Congresso:

– Amados irmãos, estou verdadeiramente feliz com a presença de todos vocês. Este

congresso marca o centenário de nossa igreja. Há exatamente cem anos, Henry Jones, nosso fundador, partiu da Inglaterra e iniciou, em uma modesta casa, um grupo junto à família Alcântara de Oliveira. Hoje, contamos com mais de sessenta congregações, espalhadas por quatro continentes. É com alegria que recebemos hoje o maior apoiador de nossa igreja, o proprietário de uma das maiores redes de shoppings do Brasil, o Senhor Tomás Alcântara de Oliveira!

Os presentes aplaudem enquanto um homem de aproximadamente quarenta e cinco anos, com um metro e oitenta de altura, cabelos levemente grisalhos e trajando um terno preto sofisticado, se aproxima do reverendo:

– Agradeço, mas não é necessário aplaudir! Isso é exagero! Bem, irmãos, sou apenas alguém que busca proporcionar uma vida melhor aos meus queridos irmãos desta igreja, que foi um refúgio seguro para minha família. Desde 1899, a família Alcântara de Oliveira esteve ao lado dos sacerdotes desta casa de oração, apoiando cada passo em direção ao sonho de estabelecer uma Igreja Evangélica da Esperança em cada cidade do Brasil. E não só estamos próximos de alcançar esse feito, como também estamos chegando a diversas cidades ao redor do planeta.

Mais uma vez, as palmas ecoam no local, reverberando entre as paredes do salão, enquanto o magnata dos shoppings prossegue com seu discurso:

– Infelizmente, enfrentamos uma tragédia devastadora no ano passado que exigiu um imenso esforço para restaurar nossos ânimos. Hoje, após os eventos dolorosos em Moçambique, teremos em nosso congresso, alguém que acredito ser uma enviada do Senhor, destinada a ressuscitar o espírito que uma vez encheu os corredores deste templo. A missionária Asha, uma sobrevivente tocada pelo poder divino, testemunhará nos próximos dias sobre o que o sobrenatural realizará nesta congregação nos anos vindouros. Estes serão dias de intensa manifestação de poder nesta casa!

Todos os presentes se levantaram, aplaudindo freneticamente. O reverendo abraça Tomás, que ergue suas mãos em sinal de vitória e alegria.

Alguns dias transcorrem. O som nítido de uma campainha ressoa. Uma mulher de cerca de trinta anos, de tez clara, se aproxima da porta, embalando um bebê de seis meses que dorme tranquilamente em seu colo. Ao abrir a porta, revela os visitantes: Alana e Jeff. Jeff sorri e diz:

– Há quanto tempo, Luana!

Luana responde com entusiasmo em sua voz:

– Jeff! Alana! Entrem! Vocês chegaram na hora do jantar!

Jeff entra carregando uma bagagem. Alana entra logo em seguida, trazendo consigo uma mala com rodas, a puxando para dentro:

– Então, como está esse garotão? – Pergunta Jeff, enquanto acaricia a pequena e frágil cabeça de seu sobrinho ainda adormecido no colo da mãe:

– Ah, mano, sabe como é! Eu sempre soube que seria difícil criar uma criança. Mas, depois que o meu marido se foi, está cada dia mais difícil. Ainda bem que eu tenho minha sogra e minha cunhada que praticamente me adotaram no lugar do Sérgio!

Diz Luana, enquanto olha um porta retrato em cima de um móvel, com uma foto do dia de seu casamento.

Jeff abaixa a cabeça. Seu olhar se volta para Alana, que está na cozinha separando as malas e as colocando uma ao lado da outra. Jeff respira fundo e se vira para a irmã. Com uma voz entristecida ele diz:

– Eu não consigo acreditar que o Sérgio se foi! A gente sabe que ser policial nessa cidade é um risco tangível, mas mesmo assim! A gente jamais imagina que isso pode acontecer!

Jeff senta no sofá, olha para sua irmã e a questiona?

– A polícia conseguiu prender o desgraçado?

Luana coloca seu filho no berço, vira para Jeff e diz com a voz embargada:

– A polícia prendeu sim, mas, em menos de vinte e quatro horas, um advogado conseguiu soltar ele. Um dos amigos do Sérgio, lá do Comando, me disse que o cara que matou ele, era ligado a uma facção. Alguém mexeu os pauzinhos e tirou ele da cadeia. É a nossa justiça, né!? Esse país cuida mais dos bandidos do que das viúvas de policiais. Mas eu sei que a justiça divina pode demorar, mas não vai falhar!

Luana enxuga algumas lágrimas de seu rosto e diz:

– Eu acho que vocês devem estar morrendo de fome! Eu preparei um almoço digno de rei e rainha! Na verdade, comprei tudo na padaria aqui do lado! Mas, deve estar delicioso! Vamos comer! Pois, ter que dar de mamar pra uma criança dá muita fome!

Jeff, Alana e Luana se sentam à mesa, compartilhando uma agradável e divertida conversa. Mais tarde, Alana e Luana estão sentadas tomando café na sala, enquanto Jeff lava a louça do almoço, cantarolando:

– Eu não via meu irmão feliz assim há muito tempo! Você faz muito bem a ele!

Diz Luana, enquanto saboreia um pedaço de bolo de fubá:

– O Jeff mudou o rumo da minha vida! Ele me faz feliz também! Foi com ele que eu aprendi o que é ter uma família! – Exclama Alana, olhando para Jeff, entretido com os pratos e quase derrubando tudo enquanto os lavava.

Luana se aproxima de Alana, sentando-se mais perto dela no sofá e pergunta:

– E como meu irmão está lidando com a morte do papai e da mamãe? Depois que eles foram para o Amazonas, eu só conversava ou por telefone ou por carta. Eu fiquei muito chocada quando soube do acidente da balsa. Mas, o Jeff sempre teve aquele sentimento de culpa por conta do alcoolismo, do divórcio. Eu tinha medo que ele não aguentasse perder os pais e fizesse alguma besteira! Sorte que ele te encontrou!

Alana sorri e por um instante tenta cuidadosamente medir as palavras para que ela não acabasse deixando escapar a real causa da morte dos pais de Luana e Jeff. Ela respira fundo e diz com a voz doce e suave:

– Jeff e eu salvamos um ao outro! Deus colocou a gente um ao lado do outro para que pudéssemos nos proteger e crescer!

Luana olha para Jeff, que estava enxugando os pratos e cantarolando alguma música em um sussurro inteligível e desafinando, no que diz a Alana:

– Eu fiquei muito magoada com meus pais por tantos segredos! Minha mãe escondeu a morte de um irmão mais velho. Meu pai, se envolvendo em caça a tesouros no meio da Amazônia! Meu filho, Lucas jamais vai passar por isso! Eu nunca esconderei segredos dele ou usar da mentira para educá-lo. Por isso coloquei o nome dele com o nome do nosso irmão que morreu, para que eu nunca mais esqueça do quanto as mentiras e segredos podem destruir uma família. O meu Lucas, será um recomeço para a família Málaga! E falando em família, quando eu vou ganhar um sobrinho?

Alana se desconcerta. Ela engasga em sua tentativa de responder a embaraçosa pergunta. no que Luana continua:

– Você parece tão radiante! Alana, você é uma mulher linda! Uma criança vinda de vocês dois poderia virar modelo! Ou até ator!

Alana diz com uma voz envergonhada:

– Quando o “meu Lucas” vem eu não sei. Mas não é por falta de treino!

Luana e Alana caem na risada. Jeff olha para elas conversando e se questiona sobre o que elas estariam falando dele:

– Meu Deus! Elas devem estar me fritando! Eu vou é ficar quietinho!

Jeff se aproxima de Alana e senta ao seu lado. A conversa continua por horas, em um ambiente familiar carregado de amor, carinho e respeito, iluminando aquela paisagem cinza, de um subúrbio da cidade de São Paulo.

CAP. II – A SEDE DA IGREJA

Ao amanhecer de um novo dia, Alana e Jeff despertam com a empolgação palpável de explorar a majestosa Sede da Igreja, um marco imponente que se ergue orgulhosamente no coração da cidade. A centenária construção, testemunha silenciosa do passar dos séculos, aguarda pacientemente para revelar seus segredos aos corações detetivescos de nossos ávidos heróis, em busca da solução desse enigmático mistério.

Ao se aproximarem, os dois são recepcionados por uma fachada imponente, adornada por detalhes arquitetônicos intrincados que contam a história da fé que moldou gerações.

Diante da entrada principal, líderes representando diversas regiões do Brasil aguardavam com ansiedade pela abertura da secretaria da respeitável congregação, preparando-se para mais uma significativa reunião. Com a imponência das enormes portas de madeira como pano de fundo, a porta da secretaria desliza gradualmente para o lado, revelando uma figura que emerge das sombras da modesta sala adjacente.

A anfitriã surge como uma aparição respeitável. Uma senhora de cabelos brancos, elegantemente trajada com um terno lilás, ostentando o distintivo da igreja bordado com primor no lado direito do peito. Com graça e hospitalidade, ela dá as boas-vindas aos ilustres convidados, sinalizando o início de um encontro que promete ser marcante:

– Que a Graça e a Paz do Nosso Senhor envolva cada coração nesta bela manhã!

Profere a gentil senhora, cuja voz, suave e frágil, ressoa com um toque de rouquidão decorrente dos anos vividos. Após um ressonante e harmonioso "Amém" ecoar entre os presentes, a amável senhora inicia a explanação do cronograma das atividades:

– Eu sou a Irmã Mercedes, uma das anciãs dedicadas desta Congregação e diaconisa nesta casa de oração por mais de cinco décadas! Fui incumbida por nosso amado pastor e presidente da Igreja, o Reverendo Arnaldo, da nobre missão de recebê-los e conduzi-los para um breve passeio dentro do nosso Templo. Este ano, celebramos seu centenário de existência. Resistindo bravamente a adversidades que variam desde tempestades e inundações até incêndios e outros fenômenos naturais, além de enfrentar

conflitos políticos e divisões entre os primeiros membros fundadores, ocorridos há mais de setenta anos!

Hoje, temos a honra de contar com uma liderança forte, determinada e pronta para orientar esta comunidade nos caminhos do Senhor. Convido todos vocês a iniciarem nosso passeio pela imponente entrada principal!

As portas de madeira atrás da irmã se abrem, revelando um interior que exala uma atmosfera de sacralidade e reverência. A anfitriã conduz então aquele grupo de pessoas até o interior do templo.

A grandiosidade da nave principal surpreende Alana e Jeff, que se veem cercados por pilares altos que se estendem em direção ao céu, como guardiões silenciosos de séculos de devoção. Vitrais coloridos filtram a luz do sol, criando uma paleta de cores que dança suavemente pelos corredores, enchendo o espaço com uma aura celestial.

Os bancos de madeira polida, gastados pelo tempo e pelas orações, testemunharam casamentos, batizados e funerais ao longo dos anos. Os detalhes esculpidos nos altares e capelas laterais contam histórias bíblicas e homenageiam figuras sagradas que moldaram a trajetória da igreja ao longo de sua existência.

À medida que Alana e Jeff exploram cada recanto, descobrem detalhes laterais repletas de arte sacra, entalhes exuberantes e corredores que ecoam com a reverência dos fiéis que ali se reuniram ao longo dos anos. A atmosfera, carregada de espiritualidade, envolve os visitantes como uma bênção silenciosa.

Subindo a imponente escadaria, alcançam a torre da igreja, de onde podem contemplar a cidade abaixo e sentir a presença histórica que permeia o ambiente. Os sinos, que há séculos anunciam eventos importantes na vida da comunidade, parece carregar consigo o eco das orações daqueles que vieram antes:

– Amor, este lugar é simplesmente incrível!

Exclama Alana, envolvendo Jeff em um abraço enquanto ambos contemplam a magnífica vista da torre. Contudo, uma inquietude parece assombrar Jeff. Enquanto percorrem os corredores do templo, ele observa cada fenda nas paredes, cada canto e cada esquina, lançando olhares desconfiados a todos os presentes. Parece como se estivesse tentando decifrar a essência de cada alma ali presente, buscando minúsculos indícios de problemas que possam estar à espreita.